

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XXV

(Continuação.)

Eram decorridos dezeseis annos... Louvet não passava então de um simples agente subalterno. Tinha, porém, ouvido fallar de uma historia em que andava envolvida uma singular personagem, conhecida já naquella epocha pela alcunha que a tia Germana acabava de pronunciar.

Era uma nova pista, e na profissão de Louvet não se deve desprezar cousa alguma.

Estava elle reflectindo nisto, quando bateram á porta da rua, e Germana foi abrir.

Um homem entrou... Era o conde des Aiglades. Caminhou elle direito para o agente.

— Queira desculpar, disse com cortezia, mas é ao Sr. Louvet que tenho a honra de fallar?

— Sou eu mesmo, senhor, respondeu Louvet, um tanto sorprendido... Posso acaso saber...?

— Sou o conde des Aiglades.

Louvet comprimontou, e o conde proseguiu:

— Fui eu, senhor, que lhe enviei a communicacão relativamente ao barão de Lorsay.

— Ah! muito bem!... está vendo que não perdemos tempo; infelizmente creio que nada conseguiremos... o tal barão é um homem habil... e penso que, se o quizermos apanhar, teremos que pôr em pratica a maior actividade:

— Talvez não seja necessario...

— Entretanto, não o encontrámos.

— E' que não souberam procurar.

— Senhor!...

O conde desculpou-se com um gesto.

— Oh! não quero dizer com isto que o senhor não possua todas as habilitações que a sua profissão reclama; tenho, porém, razões particulares para acreditar que o barão de Lorsay está nesta casa.

— Estimaria que m'o provassem.

— Quer o senhor permittir-me que eu dirija as pesquisas?

— Ficar-lhe-hia agradecido.

— Pois bem! acompanhe-me, e antes de um quarto de hora verificará a exactidão de minhas asserções.

Tornaram a subir a escada, e, quando entraram na agua-furtada já explorada por Mimoso, Louvet não pôde deixar de sorrir-se.

— O Sr. conde ignora, disse elle, que já revolvemos isto tudo.

— Sei, sei perfeitamente, respondeu o conde; e não encontraram nada!

— Nada!

— Abriram este armario?

— Mimoso teve esse cuidado.

— Pois bem! desta vez sou eu que vou proceder a essa operacão, e o senhor vai vêr.

Assim fallando, o conde abriu o armario que ficava em frente á porta, arrancou com presteza algumas taboas do fundo, e, calcando em uma chapa de metal que havia na parede, pôz a descoberto uma sahida que deitava para o celleiro da casa contigua.

— E agora, disse elle em tom jovial, podem continuar as pesquisas.

XXVI

Francina tinha sem duvida as suas razões para não temer os resultados da diligencia effectuada por Louvet e seus acolytos: porque, apenas vio que estes ultimos sahiam da sua agua-furtada, cuja porta trancou com todo o cuidado, desceu lentamente a escada, sem mais se preoccupar com a intervençã da gente da policia.

Entregou á tia Germana a chave do sotão, fez-lhe um gesto mysterioso, e alcançou a rua a passo lesto e firme.

Não se devia crer, entretanto, que a mocinha estivesse naquelle momento isenta de toda e qualquer preoccupação.

Ao contrario, tinha ella a cabeça e o coração bem atormentados, e o que se acabava de passar causara-lhe profundo abalo.

Caminhando, ia pensando em tudo aquillo.

Os recentes acontecimentos que haviam posto em perigo a existencia de Gontran tinham-n'a esclarecido ácerca do estado de seu coração, fazendo-a comprehender até que ponto estava ella presa ao moço.

Onde está, porém, a felicidade completa? Qual o sonho que uma ou outra vez não se tolde de nuvens?

Sempre que pensava em Gontran, lembrava-se de Julieta, e achava que o ferido se demorava demasiado no palacete d'Orvado.

Quando se detinha nesta idéa, sentia-se possuida de inquieta emoção.

Jamais tinha experimentado cousa semelhante.

Ainda na vespera, estimava Julieta com toda a dedicação; presentemente experimentava surdas irritações contra a moça, e por um triz que não a odiava.

Que motivo, pois, poderia tel-a mudado assim?

A's vezes, Francina se tornava ciumenta.

Em vão lutava; o seu pobre coração estava dilacerado, esse novo sentimento apoderava-se inteiramente della.

Caminhando, a si propria perguntava assustada se dentro em pouco alguma cousa não viria dissipar-lhe a perturbação que sentia.

Dirigia-se á casa de Julieta, e era Gontran que ella esperava encontrar.

Antes de entrar na rua de la Harpe, e de tomar novamente o seu lugar junto ao corpo da Sra. Dumont, queria certificar-se pessoalmente de que o estado de Gontran era satisfactorio.

Tantos incidentes tinham sobrevindo desde a vespera l...

Quando chegou ao palacete d'Orvado, encaminhou-se para a estufa por onde Julieta a havia habituado a entrar no quarto verde.

De ordinario, a estufa estava deserta e ella não encontrava alli ninguem, e alcançava sem obstaculo o aposento onde estava Gontran.

A principio, tudo se passou como de costume, e Francina tinha já transposto metade do caminho quando, de repente, e no momento em que ia alcançar a porta do aposento verde, Julieta d'Orvado sahiu de traz de uma moita, e deteve-a bruscamente pelo braço.

Francina fez um movimento de susto.

— Ah! que medo que me causou!... disse ella em tom de recriminação.

— Silencio!... recommendou Julieta em voz baixa.

Francina olhou para ella, e ficou impressionada pela expressão de sua physionomia.

— Que novidade ha? perguntou vivamente.

— Gontran está descansando... respondeu Julieta.

— Então está peor?... Oh! falle!... que aconteceu?... Hontem elle ia melhor, dizia a senhora; e hoje?

— Hoje... a sua vida se acha em perigo, e o doutor não responde por elle!

Francina soltou um grito, e escondeu o resto nas mãos.

— Gontran! Gontran!... balbuciou desvairada; será possível... Deus meu?... porém não, o medico

está enganado... Seria horrivel! Ah! quero vel-o, quero...

Pela segunda vez Julieta deteve-a.

— A senhora é cruel! exclamou Francina procurando desprender-se. Ao menos não me recuse a triste satisfação de vel-o... eu não direi nada... olharei só para elle...

— E' impossivel!...

Francina fez um gesto supplicante.

— Julieta!... disse; a senhora tem sido sempre boa para mim... Um dia veio procurar-me... eu não a conhecia... offereceu-me a sua amizade... não lhe perguntei a razão dessa sympathia que lhe inspirava... affeiçoei-me á senhora immediatamente... as suas palavras eram tão meigas... Era a primeira vez que me fallavam assim... lembra-se?... Pois bem! hoje não lhe peço senão uma cousa bem simples... quasi nada... é vel-o sómente um minuto, um segundo! me parece que, depois que o tiver visto... me retirarei mais tranquillada...

— Não insista!

— Oh! não diga isso! olhe, a senhora não sabe tudo, e fez mal em não ter sido franca. Desde o dia em que encontrei Gontran, elle tem sido para mim mais do que um amigo, tem sido quasi um irmão. Desde então, ha alguma cousa na minha vida que eu não conhecia antes. Não sei quem elle é, ignoro se é rico ou pobre: unicamente, quando o vejo, sinto-me feliz; quando deixo de vel-o, fico triste.

— Mas então ama-o! disse Julieta com voz estrangulada.

— Pois bem! confessou Francina, amo-o sim! comprehende? amo-o!.. Ignorava-o ha tres dias; quando soube, porém, que a sua vida estava ameaçada, o coração se me dilacerou! comprehendí o que se passava em mim!.. E agora que lhe disse tudo... a senhora consente, não é verdade?... permite-me...

Julieta tinha empallidecido horrivelmente. O peito offegava-lhe com esforço. O seu olhar conservava-se fixamente pregado no chão.

Tomaria Francina aquelle silencio por um consentimento? seria impellida por uma força mais poderosa do que a sua propria vontade?...

O facto é que, depois de haver tentado beijar a mão de Julieta, desapareceu rapidamente, como se tivesse receio de que tornassem a detel-a.

Julieta ficára muda, aterrada e sombria.

— Ama-o!.. ama-o! murmurou ella afinal, apertando a fronte nas mãos geladas.

Nesse momento uma mulher, atravessando por entre as lianas que pendiam de todos os lados, veio collocar-se junto de Julieta.

Era a Sra. d'Orvado.

— Então! disse em voz offegante e baixa; que te dizia eu?..

Julieta estremeceu.

— Que fazer? que fazer? balbuciou, sem erguer os olhos.

— Amanhã, Gontran terá sahido desta casa...

— Sim...

— Amanhã, elle lhe pertencerá inteiramente.

A estas palavras, feroz relampago luziu no olhar de Julieta.

— Ah! não diga isso, minha mãe! exclamou com violencia; não falle assim, ou dê-me um meio qualquer para que tal não aconteça.

— Ha um...

— Qual é?

A Sra. d'Orvado cingiu a filha nos braços.

— Mas tu me restituirás as cartas do conde, disse-lhe ao ouvido.

— Restituir-lh'as-hei, juro-lhe! respondeu Julieta.

— E me explicarás também por que essa falsa confissão de um amor imaginario!...

— Tudo! explicarei tudo; mas falle, eu lhe supplico!

— Bem!... Unicamente, como não quero que possas de novo possuir-te de compaixão, saiamos daqui.

— Para onde me leva a senhora?

— Não quero dizer-te nada; mas se, depois de teres visto e ouvido, ainda hesitares, é que nas tuas veias não ha nem uma gotta de sangue creoulo!

E Julieta acompanhou sua mãe, anciosa por vêr e ouvir.

XXVII

Afastando-se de Julieta, Francina tinha-se precipitado para o aposento onde Gontran repousava.

A pobre menina achava-se possuida da mais mortal inquietação.

Esperava achar o moço mais doente, e não pensava sem amargura que elle ia ser obrigado a demorar-se por muito tempo ainda naquella casa, onde, segundo a propria confissão de Julieta, tantos perigos o ameaçavam.

Foi com a maior discrição que ella entrou no quarto, e o seu olhar dirigiu-se logo para o leito...

As primeiras sombras da noite começavam a invadir o aposento; ella, porém, viu immediatamente que o leito estava vazio.

Teve medo.

Deu um passo, e achou-se em presença do Dr. Roberto, o qual não pôde evitar um gesto de espanto ao vel-a.

— Gontran? onde está Gontran? perguntou Francina em voz baixa.

O doutor levou um dedo aos labios, e designou o moço, que estava sentado junto a uma das janellas, de costas voltadas para a porta.

— Tinham-me dito que elle estava peor! tornou Francina.

— Enganaram-n'a! respondeu o Dr. Roberto.

— Mas com que fim?

O doutor ia continuar; um movimento de Gontran interrompeu a conversação.

— Francina! exclamou elle com expansão, voltando-se para a moça.

E esta se dispunha a aproximar-se d'elle, quando o medico conteve-a.

— Uma palavra ainda! disse-lhe em voz baixa.

— Falle! falle, Sr. doutor!

— Julieta d'Orvado entregou-lhe umas cartas a que ella liga a maior importancia...

— Mas...

— Pois bem!... se se interessa pela vida de Gontran, se tem amor á sua vida..... não as restitua..... por maiores que sejam as ameaças...

E o doutor apoiou estas palavras com um gesto expressivo. Depois, alcançando a porta, sahio pela estufa...

Francina ficára interdicta.

Mas Gontran alli estava, a poucos passos de distancia, olhando para ella e estendendo-lhe as mãos; Francina não resistiu a tão tocante chamado, e correu a sentar-se ao lado d'elle.

— Ah! fez bem em vir, disse Gontran depois de havel-a contemplado durante alguns instantes em silencio; saiba que vivo enormemente aborrecido aqui e estou ancioso para ir-me embora.

— Mas então está realmente restabelecido? perguntou Francina com um resto de duvida.

— Estou, sim, e só espero uma occasião azada para sahir daqui.

Francina fitou o seu meigo olhar no semblante pallido do moço.

— Eis ahi uma cousa que me admira! disse.

— Que é?

— Imagine que encontrei ha pouco Julieta.

— E que lhe disse ella?

— Disse-me que o senhor estava peor e que eu não podia entrar no seu aposento; não sei que loucas idéas me occorreram então, e receei...

— Por mim?

— Por quem havia de ser?...

— Então é séria a amizade que lhe inspiro, Francina?

— O senhor duvida...

— Não... não duvido e isso tem sido mesmo uma das minhas consolações no isolamento a que tenho estado reduzido.

— E' verdade o que está dizendo, Sr. Gontran?

— Ah! juro-lhe pela minha vida!...

— Ainda bem! e isto enche-me de coragem...

— Sim?

— E' que tenho alguma cousa que lhe dizer...

— De que se trata?

— Agora que o senhor está restabelecido, quem o impede...?

— Acabe.

— Oh! eu não quizera aconselhar-lhe um acto de ingratitude. Prestaram-lhe aqui os mais attenciosos cuidados. E' talvez á Julieta que o senhor deve a existencia; mas emfim...

— Emfim... concluiu Gontran, acha que seria melhor que eu estivesse fóra do palacete d'Orvado, não é assim?

— Justamente.

Gontran sorriu-se.

— Essa idéa que lhe occorreu já me havia occorrido tambem.

— E' possivel?

— E' que eu, Francina, tenho, para sahir desta

casa, outras razões, de que a senhora não desconfia, e... se me permittisse confiar-lh'as...

— Porque não?

E Francina se aproximou de Gontran.

— Tudo quanto se tem passado de alguns dias para cá, proseguiu o moço, tem-me esclarecido ácerca de certas aspirações de meu coração, das quaes até então eu não fazia perfeita idéa.

— Como assim?...

— Achava-me sózinho muitas vezes, soffria, e meu pensamento, impregnado de melancolia, volvia-se para todos os entes que me têm manifestado affeição.

— E dahi?

— Entre os semblantes que me povoavam as noites de insomnia, havia um principalmente que eu mais gostava de vêr, e que eu saudava do fundo do coração apenas o avistava no horizonte de meus sonhos...

— Que semblante era esse?

— Era um semblante de moça, de olhar ardente e meigo ao mesmo tempo... todas as vezes que elle apparecia, era como se a minha noite se illuminasse, e eu esperava, commovido e ancioso, que o som da sua voz se fizesse ouvir.

— E que visão era essa?

— O encanto de sua voz era indizível! ella resoava-me ao ouvido como uma musica, e ia despertar-me no fundo do coração os mais ternos sentimentos que o homem possa experimentar.

— Mas essa visão, essa voz?...

Gontran não a deixou concluir.

— Ah!... que quer que eu lhe responda? disse; que confidencia mais quer que eu lhe faça?... essa visão era a senhora!... essa voz era a sua! Oh! Francina! Francina!... A senhora pôde fazer de mim o mais feliz dos homens!...

Assim fallando, Gontran apertava nas suas as mãos tremulas da moça, e esta, toda perturbada e confusa, ainda hesitava em responder, quando um ruido se fez ouvir, de modo a attrahir subitamente a attenção dos dous enamorados.

Francina recuou, e Gontran contrahiui as sobran-celhas.

Julietta estava por traz delles.

Ao lado della se achavam o conde des Aiglades e Langlois.

— Minha senhora, disse Julietta, dirigindo-se a Francina, creio que o Sr. Gontran se acha inteiramente restabelecido, e que mais longa demora nesta casa ser-lhe-hia d'ora em diante inutil.

— E' essa a opinião do proprio Sr. Gontran, retorquiui Francina, e elle se dispunha a despedir-se da senhora.

— Volta, sem duvida, para a rua de la Harpe! tornou Julietta com voz acerada e baixa.

Francina estremeceu a este insulto, que só ella pôde ouvir; mas sentia-se forte, porque sabia que era amada, e ergueu a fronte sob o ultrage.

— O Sr. Gontran me disse que me amava, minha senhora, respondeu ella com força, e eu confio na sua honra e na sua lealdade!... Para que, porém, tantas palavras? a senhora mesmo o disse, mais

longa demora aqui seria inutil, e estou anciosa por lhe satisfazer a vontade.— Amanhã, logo á primeira hora, lhe enviarei o deposito que a senhora me confiou, e, desde então, estaremos quites uma para com outra. Adeus!

Julietta não respondeu.

Estava livida... violenta borrasca se lhe agitava no peito... o seu olhar feroz permanecia obstinadamente cravado no chão.

Quando levantou o rosto, Francina e Gontran já se haviam afastado.

— Então! disse Polichinello, aproximando-se-lhe ao ouvido; que decide?

Julietta apertou a cabeça nas mãos, e seus dedos se entranharam crispados nas opulentas madeixas de seus cabellos negros.

— Não! não! exclamou com voz alterada e febril. Hoje eu ouviria unicamente a minha colera e o meu odio, e ella deixaria de existir; mas amanhã.... ouvem? amanhã dir-lhes-hei se ella deve viver ou se cumpre que morra!

XXVIII

No dia seguinte pela manhã, a porta da casa onde morava Francina estava armada de preto.

No corredor, tinham collocado o feretro, em torno do qual ardiam quatro cirios em tocheiros de prata e todos, ao passarem, se descobriam perante o humilde despojo.

Nas vizinhanças não havia noticia de que a viuva Dumont fosse rica; ao contrario, era sabido por todos que ella se achava em situação bem proxima da miseria, e admiravam-se do luxo relativo da armação de franjas de prata, cujas despesas ninguem poderia suppôr que Sacco-de-Gêssó estivesse no caso de fazer.

E no entanto fôra Sacco-de-Gêssó quem occorrêra a todas aquellas despesas...

Na vespera á noite, Francina entregara-lhe uma carta que a porteira acabava de trazer-lhe...

A carta continha uma nota do banco de quinhentos francos, com as seguintes palavras:

« Esperarei Sacco-de-Gêssó amanhã ás tres horas no boulevard Monteparnazo, em casa de Gaudin.

« LORSAY. »

Fôra Didier que quizera fazer á sua custa o enterro daquella que recebêra o ultimo suspiro de Helena.

Francina ficára profundamente commovida com aquella attenção, e o seu pensamento volveu-se enternecido para seu pai.

Assim, quando Sacco-de-Gêssó lhe perguntou o que devia fazer, ella disse-lhe quanta gratidão e amor filial havia no seu coração, e combinou com elle o que devia contar ao barão.

(Continúa no proximo numero.)